Resolução PolÃ-tica DN 16 de Junho de 2013

Defender a democracia para derrotar a austeridade

 \hat{A} 1. \hat{A} \hat{A} As economias europeias continuam a sucumbir \tilde{A} pol \tilde{A} -tica de austeridade. A recess \tilde{A} £o alastra da periferia para o centro europeu e o desemprego cresce a cada dia que passa, batendo j \tilde{A}_i \tilde{A} porta da Fran \tilde{A} §a e da Alemanha. A burguesia europeia utiliza a austeridade para atacar o sal \tilde{A}_i rio direto e indireto e as suas consequ \tilde{A}^a ncias para impor a submiss \tilde{A} £o social. O enorme ex \tilde{A} ©rcito de desempregados que est \tilde{A}_i a ser criado na Europa \tilde{A} © forma de press \tilde{A} £o da burguesia para retirar direitos e aumentar a explora \tilde{A} § \tilde{A} £o.

2. O Tratado Orçamental é a garantia da perpetuidade da austeridade nas polÃ-ticas europeias. Os limites estabelecidos para a dÃ-vida e o défice são o garrote que sufoca os povos, armas de chantagem permanente para a acumulação do capital. Todos os direitos dos trabalhadores estão em causa, para que nenhum direito do capital seja questionado. O Tratado Orçamental é a camisa-de-forças da austeridade sobre a Democracia, o Estado Social e os direitos dos trabalhadores.

3. A legitimação da austeridade surge imposta ainda por outros meios. Como vimos na campanha eleitoral grega, a moeda única é também utilizada como forma de justificação da austeridade. Sem austeridade, a Grécia seria atirada para fora da zona euro, foi repetido à exaustão. Esta chantagem polÃ-tica contra a esquerda, a par da observável submissão da gestão monetária da zona euro aos interesses do centro da Europa, reforçou um debate à esquerda sobre a moeda dita única.

4.ÂÂ

A UDP, no debate sobre a integração de Portugal na zona euro, foi clara na sua posição. Fomos contra a adesão de Portugal ao euro e batemo-nos publicamente por isso. A entrada de Portugal numa zona monetária forte levaria ao empobrecimento do paÃ-s, à desvalorização dos salários, ao encerramento de indÃostria e à destruição de parte da capacidade produtiva do paÃ-s. Era previsÃ-vel a perda de capacidade de gestão monetária que decorreria da adesão à zona euro, bem como a dificuldade de concorrÃocia, numa mesma zona monetária, entre economias em diferentes graus de desenvolvimentos. Alertámos para a consequente pressão sobre o fator trabalho no confronto entre estas economias: passariam a ser os salários a pagar o preço do ajustamento.

5.Â

Na resolução do congresso da UDP de junho de 1998 dissemos: "Na continuidade e agravamento dos critérios macroeconómicos de Maastricht, a entrada na moeda única significa baixos salários, desemprego e precariedade, menos proteção social, atraso face ao nÃ-vel médio de desenvolvimento da UE, perda de autonomia nacional nos câmbios externos e na dÃ-vida pública. (...) A moeda única é, na União Europeia, o elemento catalisador de todo o plano neoliberal contra os povos. (...) Por isso o combate ao euro é o combate ao coração da ofensiva neoliberal na europa dos 15

(...).A luta contra o euro \tilde{A} © a luta dos movimentos sociais que contestam a pol \tilde{A} -tica de Maastricht/Amesterd \tilde{A} £o, \tilde{A} © a luta pelos referendos para dizer N \tilde{A} £o!". Assim foi, a realidade mostrou que t \tilde{A} -nhamos raz \tilde{A} £o.

6.A UDP realizou um debate profundo na sua VI

Conferência, em 2011, sobre as escolhas polÃ-ticas acerca do euro. Fizemos esse debate com a clareza de quem olha para a realidade com uma posição de classe. Reafirmamos as conclusões desse debate. O debate em torno do euro tende a colocar as escolhas entre duas formas de austeridade: uma na permanência no euro e na submissão à vontade ideológica do capital alemão; outra no ajustamento de uma economia com enormes debilidades produtivas e muito dependente de importações, com claras consequências na desvalorização do trabalho.

7. Será a austeridade alternativa à austeridade? Como já afirmámos, a resposta é não, não são estas as únicas alternativas: "A solução será a disputa pela criação de mecanismos europeus de criação de dÃ-vida pública, de mecanismos de solidariedade entre estados e da defesa intransigente do Modelo Social Europeu. A retoma só acontecerá pela Europa dos Direitos e do Estado Social.― O debate sobre o euro nunca se poderá reduzir, como alguns defendem, ao debate sobre teoria económica. O apoio social da população e a defesa dos salários e rendimentos dos trabalhadores são os critérios da esquerda que quer uma maioria para a transformação social.

 \hat{A} 8. \hat{A} A esquerda que coloca o euro no centro do debate retira o combate \hat{A} ditadura da d \hat{A} -vida do centro da converg \hat{A} ancia. Colocar as barreiras na discuss \hat{A} £o sobre o euro \hat{A} © desistir de juntar for \hat{A} §as no combate \hat{A} austeridade e \hat{A} forma como ela se legitima: pela d \hat{A} -vida. A d \hat{A} -vida \hat{A} © a principal arma da burguesia na procura da submiss \hat{A} £o da sociedade \hat{A} acumula \hat{A} § \hat{A} £o. A d \hat{A} -vida e a sua chantagem s \hat{A} £o o impulso para a sangria dos povos \hat{A} s m \hat{A} £os do capital financeiro. \hat{A} % a legitima \hat{A} § \hat{A} £o que o capital encontrou para as privatiza \hat{A} § \hat{A} µes, para a perda de direitos, para o ataque ao trabalho. Atacar a d \hat{A} -vida \hat{A} © atacar o centro da t \hat{A} ¡tica do capital.

9. As forças contra a austeridade juntam-se na união dos povos contra os tratados opressores. O Tratado de Lisboa e o mais recente Tratado Orçamental são as garantias da burguesia que o futuro lhes permitirá mais acumulação através dos garrotes ao défice e à dÃ-vida, mais privatizações e desmantelamento dos serviços públicos e mais ataques aos direitos dos trabalhadores.

10.

Vale a pena recordar que o Tratado de Lisboa (e o seu antecessor Tratado Constitucional) foi rejeitado por trÃas dos cinco povos que sobre ele se puderam pronunciar. Nele se inscrevem todas as regras de contração orçamental que permitem a austeridade. Nele se consagra um Banco Central Europeu sem controlo democrático e obcecado com a estabilidade de preços, dependente apenas do capital financeiro e do diktat alemão. Nele se confirma o diretório e a arquitetura de poder que submete os povos do sul. E não menos importante, pela sua letra se amarra a Europa à NATO. Desde o primeiro momento,

o Bloco de Esquerda opôs-se ao Tratado de Lisboa. Mantemos como proposta europeista de esquerda a refundação democrática da Europa: rejeitar estes tratados significa romper a camisa-de-forças que o capital criou sobre a Europa dos povos. Não pode existir qualquer dÃovida: não há remissão possÃ-vel dentro destes tratados, só a sua rejeição abre portas a uma nova Europa.

11.

Os sociais liberais europeus já disseram de que lado estão. Hollande bem prometia uma outra polÃ-tica, mas acabou submisso ao Tratado Orçamental. A promessa de Hollande de que este tratado seria acompanhado por uma agenda para o crescimento serviu apenas para tentar quebrar a resistência à esquerda. A única rutura que Hollande representa é com a realidade quando ao mesmo tempo que aplica a

austeridade afirma que na Europa a crise acabou.

12.Onde

podiam fazer a diferença, os partidos da Internacional Socialista tÃam-se mantido Â firmes e dirigentes do campo da austeridade. Nos paÃ-ses intervencionados, os partidos da internacional socialista passam de governos de austeridade a oposi§Âµes dentro da quadro do memorando e do Tratado Or§amental (PS em Portugal, PSOE no Estado Espanhol) de oposições colaborantes a parceiros de governo da direita (Trabalhistas, na Irlanda) ou passam de diretamente de partido do governa da austeridade a parceiros de coligação do governos da direita (PASOK, na Grécia). Em Itália, o governo de coligação do centrista Partido DemocrÃ; tico conta não só com PSI mas também com os liberais, o partido de Monti (Scelta Civica) e o partido de Berlusconi (Il Popolo della LibertÃ). Enquanto na Alemanha se torna cada vez mais provável o cenário de um governo do centrão entre o SPD e a CDU-CSU, em França, Este caminho demonstrou que não hÃ; austeridade assim/assim, ou em versão light, são apenas as vÃ;rias faces de uma mesma escolha. Nos dias da austeridade, não hÃ; terreno neutro: quem escolhe o lado da austeridade, vira as costas aos povos. É essa a linha de demarcação das alianças e das escolhas.

13.

O Partido Socialista portuguÃas tem tentado apresentar a proposta de uma austeridade light, mantendo a troika, mas podendo renegociar o memorando. A violÃancia das medidas do Governo e a rejeição popular do memorando tornou insustentável a sua defesa aberta. A "renegociação― passou então a entrar no léxico de quem nunca a quis propor, engodo de quem prometendo o contrÃirio, não rejeita a austeridade. Tal como o lobo, que não deixa de o ser se vestir pele de cordeiro, a austeridade não deixarÃ; de o ser se for apresentada em versão suavizada. As escolhas do PS ficam bem claras quando se coloca ao lado da larga majoria das privatizaçÃues (celebrando até a intenção do Brasil de participar na privatização da TAP), quando acompanhou as alterações recentes ao código de trabalho ou quando votou favoravelmente a salvação dos bancos privados com o dinheiro público. Ninguém ruma a Bilderberg com o corte da divida na agenda. A posição do PS sobre a dÃ-vida é a garantia ao capital de que os seus interesses nunca serão questionados e a sua acumulação não serÃ; revertida. A palavra dada por AntÃ3nio José Seguro de que não rejeitarÃ; o memorando com a troika, representa a vinculação do PS a uma agenda de destrui§Â£o do paÂ-s e de ataque aos trabalhadores.

O governo e a troika acordaram num novo plano de cortes no estado social: enorme despedimento coletivo de funcion \tilde{A}_i rios p \tilde{A}^o blicos, ataque aos sal \tilde{A}_i rios e \tilde{A} s pens \tilde{A}_i µes, destrui \tilde{A}_i § \tilde{A}_i £o dos direitos conquistados durante d \tilde{A}_i^o cadas. Ser \tilde{A}_i £o 4 mil e 800 milh \tilde{A}_i µes de euros de cortes. A indigna \tilde{A}_i § \tilde{A}_i £o e a solidariedade est \tilde{A}_i £o a juntas a mobilizar os trabalhadores para a luta. A marca \tilde{A}_i § \tilde{A}_i £o de uma greve geral conjunta entre CGTP e UGT \tilde{A}_i^o 0 um momento de enorme import \tilde{A}_i^o 6 que o trabalho ter \tilde{A}_i 7 para bater o p \tilde{A}_i^o 0 ao capital. A luta dos professores \tilde{A}_i^o 0 j \tilde{A}_i^o 1 um marco nesta acumula \tilde{A}_i^o 3 de for \tilde{A}_i^o 3 a. A mobiliza \tilde{A}_i^o 4 para a greve geral tem de amplificar esta for \tilde{A}_i^o 3.

15.

A Europa não pode deixar de

se estarrecer com o ressurgimento de fantasmas de má memória, do fascismo e do neo-nazismo, da sua violência brutal contra as liberdades democráticas individuais e coletivas. França, Inglaterra, Grécia, Hungria, Holanda, entre outros paÃ-ses europeus, têm sido palco de uma expansão assustadora de forças polÃ-ticas populistas de extrema-direita, com expressão eleitoral crescente. As manifestações em França contra o casamento gay e o assassinato de um militante antifascista são apenas o exemplo mais recente da violência reacionária que alastra.

16.O apagão da rádio e da

17. A esquerda joga aqui um papel histórico. Combater a austeridade e a direita que a impõe, apresentar uma alternativa que defende os salários e os trabalhadores, bater-se pela maioria sociais que defende os direitos é trazer a esperança que impede o caminho da extrema-direita. Derrotar a austeridade é essencial para defender a democracia.

18. Os

enormes protestos na Turquia contra um regime de democracia formal mas opressor nas liberdades, austero e paternalista, amputador de direitos individuais e coletivos trouxeram o sabor das "primaveras― como a da TunÃ-sia ou do Egito. Estes protestos são, uma vez mais, a prova de uma juventude inconformada com o sistema, com as suas desigualdades e injustiças e a falta de transparÃancia democrática. Noutra escala e do outro lado do mundo, a luta dos jovens brasileiros, que rapidamente se alastrou a setores mais amplos da sociedade, contra o aumento do passe dos transportes públicos mostra como estes protestos se vão generalizando no espaço e no tempo. É significativo que esta luta e que a sua brutal repressão aconteçam durante o Governo do PT e num perÃ-odo de crescimento da economia brasileira. A esquerda tem de saber olhar para estes movimentos espontâneos e deles retirar as suas próprias lições sobre as ruturas

 $necess\tilde{A}_i rias\ com\ o\ sistema,\ sem\ deixar\ de\ transportar\ as\ alternativas\ que\ criam\ maiorias\ sociais,\ as\ propostas\ que\ criam\ movimento\ de\ massas.$

Resolução PolÃ-tica da Direção Nacional reunida a 16 de Junho de 2013

http://www.udp.pt Produzido em Joomla! Criado em: 4 November, 2025, 12:24